



ENTRE O VER E O LER: GESTOS DE LEITURA DA MATERIALIDADE VISUAL IMPLICANDO OUTROS GESTOS DE ENSINO

Carolina Fernandes¹

Maria Cristina Leandro Ferreira²

Pesquisas na Análise de Discurso acerca da prática de leitura institucionalizada, como as de Grigoletto (1999) e Coracini (2010), mostram que a tradição de ensino promove uma divisão social dos modos de ler, já apontados por Pêcheux ([1982]/1994), que distingue os autorizados a ler, a interpretar, daqueles a quem somente se permite a reprodução de sentidos pré-determinados, ou seja, o professor ou livro didático de um lado, e os alunos de outro.

A AD nos ensina a ver o ensino como prática política e a linguagem como materialidade significativa opaca, equívoca e incompleta. Por isso, o professor precisa estar atento para questionar a literalidade e os efeitos de verdade produzidos pelos manuais didáticos.

Dessa forma, em minha pesquisa, propus atividades de leitura de livros de imagens no contexto escolar, mais especificamente nos sétimos e oitavos anos do Ensino Fundamental (EF), da região metropolitana de Porto Alegre e da região da campanha, como uma forma de promover a autoria nos gestos de leitura desses alunos.

Antes de passar aos gestos de leitura propriamente, é relevante observar o modo de constituição da autoria desses livros produzidos quase que exclusivamente pela materialidade visual.

A constituição ideológica do sujeito-autor de textos visuais e seu recalque pelo inconsciente explica o modo como este interpreta o mundo, representando-o e recriando-o a partir de um imaginário necessário. Com formas e tons o sujeito produtor de imagens produz formulações visuais que simulam ou mesmo distorcem a imagem visível de todo dia. O modo como materializa o discurso inscreve esse sujeito na ordem do estético e do poético, identificando-o com a *formação discursiva das artes visuais* regulada por uma Forma-sujeito (Pêcheux [1975]/2009) que prima pelo saber sensível.

Observando o livro de imagens, *Espelho*, da ilustradora tcheca Suzy Lee, é possível perceber que o sujeito produtor do texto visual encontra-se dividido em duas posições-sujeito: a do artista visual, que produz as imagens do livro, e a do escritor, que produz um efeito narrativo ou poético a partir dessas imagens. Essas posições não se sobrepõem, não concorrem para determinar

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela UFRGS, professora do Curso de Letras – UNIPAMPA.

² Doutora em Letras pela UNICAMP, professora do Curso de Letras – UFRGS.

um efeito de unidade, de homogeneidade, como no texto verbal, essas posições constituem de modo híbrido o sujeito, que é ao mesmo tempo artista visual e escritor de um texto visual. Não se pode definir se é o jogo com as páginas do livro como uma monotipia que permite a criação de uma narrativa, cujo efeito se dá pelas imagens refletidas no espelho, ou é a história da relação de uma menina solitária com seu reflexo no espelho que inspira a criação estética e literária. Mas o que há de material é o livro, cuja produção relaciona de tal forma *sintaxe visual* e *sintaxe narrativa* que não podemos distingui-las ou sobrepô-las.

A particularidade da autoria desse tipo texto é justamente essa constituição híbrida do sujeito. Uma autoria afetada pela posição-sujeito artista visual funciona de modo distinto daquela do texto visual, visto que o efeito de originalidade se faz pelo manejo do significante visual. Como vemos no livro *Cena de Rua* em que a imagem do menino é manipulada de modo a produzir o efeito de movimento do personagem. Como podemos ver nas imagens 01 e 02 a dobra da página coincide com as articulações do menino, no movimento de leitura do livro, a imagem plana se desloca, produzindo o efeito de movimentação do personagem, causando a impressão de que o menino se move entre os carros.

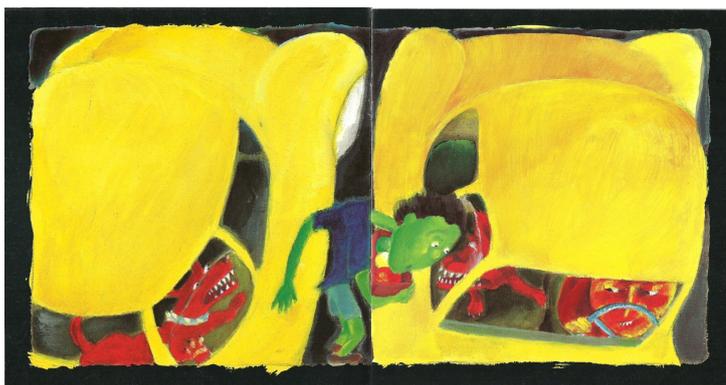


Imagem 01: Páginas 8 e 9 do livro *Cena de Rua*, de Angela Lago, Editora RHJ.



Imagem 02: Angela Lago mostra o efeito da dobradura no movimento das páginas.

O movimento causado por essa dobra da página faz com que as laterais se fechem e encurralem, ainda mais, o menino entre os carros, o que produz o efeito de sufocamento, de detenção, ou mesmo, supressão do garoto da sociedade, marginalizando-o.

E como o leitor lê um texto produzido por esse tipo de autoria?

Barthes e Compagnon (1987, p. 192), descrevem de modo o percurso subjetivo da leitura, mostrando que o passar das páginas de um livro não indica que o texto está sendo lido, interpretado: “a leitura não se reduz a esse desfilar monótono que percorro sem me deter, sem nada me fixar”, o que fixa o olhar do leitor de imagem é mais que um ponto de ancoragem (Jouve, 2002), é um ponto de corte, é uma flecha que atinge o olhar e toma o sujeito.

Essa flecha no olhar que transpassa o sujeito é o “*punctum*”³, descoberto por Barthes (1984) ao estudar a fotografia, em sua obra *A câmera clara*. O *punctum* de que trata Barthes (ibidem) é o ponto da imagem que toca o sujeito, que direciona o seu olhar. Sendo particular, é diferente para cada leitor. O *punctum* pode servir de “ponto de ancoragem” para a leitura e direcionar o sentido para as outras imagens da sequência narrativa. As leituras do livro *Mestre Vitalino*, de André Neves, ajudam a tornar visível esse aspecto da leitura de imagens. Essa obra literária e visual é uma produção da coleção nordestinamente da Editora Paulinas e, em sua sinopse, é apresentada como uma homenagem ao ceramista pernambucano que dá nome à obra.

Ao se depararem com as imagens de pessoas andando por um cenário desértico, os sujeitos-leitores propõem diferentes interpretações, baseados em diferentes pontos de ancoragem como se pode perceber nas SD verbais a seguir:

SD verbal 01:

Era uma vez uma caravana de imigrantes ilegais que queriam ir para os Estados Unidos. Nesse grupo, havia três crianças que estavam tristes por estarem no deserto.

Já que as crianças estavam precisando de diversão, um grupo de mexicanos decidiram alegrá-las. No começo, elas ficaram inseguras de ir dançar, pular e cantar com eles. Então, chegou um homem vestido de touro, elas o adoraram e foram brincar. Depois o grupo foi embora e as crianças se despediram deles, abanando dando tchau.

A caravana conseguiu atravessar a fronteira e logo que chegaram lá, as crianças foram comprar bonecos de músicos mexicanos.

SD verbal 02:

Era uma vez três irmãos que estavam inventando uma historinha com seus bonequinhos. A historinha começava assim: Num belo dia muito ensolarado, havia uma menina sentada no seu cavalo, sem rumo com sua família.

De repente aparece um homem e em seguida mais dois homens, cada um com um instrumento diferente. E junto com esses homens surgiu um boi de mentirinha e eles começaram a animar as crianças da família sem rumo com músicas e danças.

Esses homens estavam tocando e cantando músicas que as crianças nem conheciam, mesmo assim elas se divertiram e até brincaram de cirandinha com o boi.

³ O conceito de *punctum* atualmente foi deslocado da teoria semiótica de Barthes para a Análise de Discurso por meio dos trabalhos de Indursky (2011) e Fernandes (2011) em texto apresentado ao IV SEAD.



Como já estava ficando tarde, os homens foram embora e as crianças, como estavam sem rumo e sem muitas opções de onde ir, ficaram por lá sentadas em um muro esperando o pôr-do-sol.

Como é possível uma mesma narrativa dar margem para leituras tão diferentes? Isso ocorre porque os leitores se fixam em imagens diferentes para traçar seu fio narrativo.

A imagem das crianças atravessando o que parece ser um muro leva o sujeito a imaginar a travessia da fronteira entre México e Estados Unidos. Essa relação entre os significantes visuais dá sentido ao fato de estarem andando pelo deserto: trata-se de imigrantes cujo objetivo seria ingressar ilegalmente em um país. Faz ressoar na “memória do visível” a fronteira murada entre México e EUA.

Essa hipótese de interpretação é reforçada pela imagem dos músicos que, na memória visual do leitor, remete aos mariates mexicanos devido aos chapéus de abas largas.

A rede de formulações visuais sobre o uso do território mexicano para o acesso ilegal nos estados Unidos é constituída por imagens veiculadas pela mídia como em documentários, reportagens e novelas que reforçam esse imaginário sobre a ilegalidade e a tentativa desesperada dos povos de países subdesenvolvidos em fugir das más condições financeiras trabalhando em um país desenvolvido. Portanto, a imagem de pessoas andando pelo deserto acompanhadas de músicos que usam chapéu e sua travessia por um muro, remete, no imaginário desse sujeito-leitor, a uma *rede de formulações visuais* que remontam a saga dos imigrantes ilegais.

Embora não haja aproximação entre o efeito de sentido esperado pelo autor e o efeito de sentido produzido no momento da leitura, as hipóteses interpretativas levantadas pelo leitor contemplam toda a sequência de imagens, estabelecendo, assim, o efeito de um fio narrativo forjado a partir de um gesto interpretativo singular.

A imagem das crianças admirando os bonecos de barro é que “pega o olhar” do segundo leitor e direciona todo o gesto de interpretação como um ponto de ancoragem. Nesta leitura, a obra do ceramista Mestre Vitalino é vista como brinquedos que dão vida a personagens numa história inventada por crianças. Essa interpretação da imagem dos bonecos, que, na sinopse do livro, seriam os retirantes nordestinos, aqui é vista como pessoas quaisquer andando sem rumo pelo deserto. Essa interpretação vaga é possível, pois dentro do imaginário das crianças que inventam a história com os bonecos, isso pode ser verossímil.

Esse modo de ler metonímico produz gestos de leitura que são realizados em uma conjuntura social distinta da produção do texto, revelando uma movimentação nos sentidos possíveis para a obra. Essa movimentação de sentidos torna visível a constituição ideológica e inconsciente do sujeito-leitor que se inscreve no interdiscurso, reconfigurando redes de significação. Quer se apresente mais próxima à leitura proposta pelo autor do livro, não se invalida as outras possibilidades, pois todas preenchem os “espaços de incerteza” e constroem um fio narrativo para a sequência de imagens do livro, constituindo gestos interpretativos consistentes.



Dessa forma, opera a leitura de imagens a partir de um *punctum* que se interpõe como a âncora da interpretação global do texto e singulariza a leitura da obra, fazendo com que o leitor imprima sua subjetividade no texto, inscreva-se nele, como autor de seu gesto de leitura.

Entendo, dessa forma, que o texto visual, por sua opacidade e sintaxe fluida, produz uma *inevitável polissemia* (Débray, 1995) que leva o sujeito-leitor a preencher de sentidos as lacunas da materialidade visual, afastando-o da posição de mero *enunciador* (Orlandi, 1993), ou seja, aquela de reprodutor do discurso científico (Pêcheux, [1982]/1994) didatizado pelo discurso pedagógico.

Dessa forma, com este trabalho, proponho a reflexão sobre o papel da escola na formação de sujeitos críticos e autônomos, sendo que este passa pelo estímulo à assunção da autoria por parte do sujeito-aluno. Para isso, reconheço que o texto visual pode servir como motivador ao trabalho de promoção da autoria, constituindo um gesto de ensino distinto daquele mobilizado em práticas tradicionais, que tolhem o sujeito como produtor de sentidos, como efeito de ser o senhor de seu dizer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *A câmera clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Título original: *La chambre Claire*, 1980.
- BARTHES, Roland; COMPAGNON, Antoine. Leitura. In: *Enciclopedia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987. 11 v.
- CORACINI, Maria José. A aula de línguas e as formas de silenciamento. In: ____ (org.) *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2010. p. 67-74.
- DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- GRIGOLETTO, Marisa. Leitura e funcionamento do livro didático. In: CORACINI, Maria José (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. Campinas: Pontes, 1999. p. 67-77.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. Tradução de: Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002. Título original: *La lecture*, 1993.
- ORLANDI, Eni P. Nem escritor, nem sujeito: apenas autor. In: _____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1993.
- PÊCHEUX, Michel. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2009.
- _____. (1982) Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni et al. (orgs). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994, p. 55-66.